

10-01-2025

IVONEIDE NETO DE MARIA**Josué Euclides Hetinguer****(Empreendedor – Economista Doméstico)**

Ali me senti realmente como um viajante em busca do rumo. Quando entrei no Paraná voltei a caminhar do lado do mar.... Andei pouco mais de 120 km. Em Guaratuba, por volta de 10 da manhã parei na Praia de Caieiras. Fazia alguns anos que eu não tomava banho de mar, a escala 7X0 de corretor não me permitia. Senti pelos faróis apagados que meu Celtinha ficou com inveja.... Depois da recepção em Barra Velha, ali tive certeza que eu estava com sorte, muita sorte. Sentei num quiosque e um rapaz me perguntou se eu era de Floripa (naquela época as placas de carro tinham identidade, bons tempos). Confirmei e ele disse com alegria *eu também*. Bruno trabalhava na APA [Área de Proteção Ambiental] de Guaratuba como promotor de atividade educativa junto às comunidades extrativistas. Orgulhosa e mentirosamente adiantei em alguns anos meu currículo e disse que fazia pesquisa em economia doméstica e estudava comunidades tradicionais. É incrível como eu já estava sem estar e eu já era sem ser. Eu jamais havia entrado numa APA e muito menos entrado numa comunidade daquele tipo. Passei a tarde com Bruno, a essa altura já meu amigo catarinense, e Dona Ivoneide Neto de Maria, como ela gostava de se apresentar. O lugar é lindo, a comunidade é aconchegante, as pessoas são gentis, muito gentis, bem diferentes dos meus clientes da imobiliária encontrando defeito em tudo e barganhando sem parar. Em transação imobiliária não há ideologia de direita ou esquerda. A conversa é sempre a mesma. Pior do que pedirem desconto de uma coisa que é sua é pedirem desconto de uma coisa que não é sua. *Mas você não ganha comissão? Não dá pra abater da sua comissão?* Naquela época não existia Bolsonaro, mas estou convicto de que se fosse hoje lulistas e bolsonaristas iam adorar abocanhar parte da comissão de um trabalhador escala 7X0, no caso eu, em pleno domingo. Aliás, o dia em que conheci Dona Ivoneide Neto de Maria era uma linda tarde de 4ª feira, ensolarada e fresca. Fresca como o frescor que senti daquela senhora firme e ativa na defesa de sua comunidade ao passar a mão no meu rosto na hora do *muito prazer em conhecê-lo*. Afora minha mãe, que lembrava aquela mulher grandiosa e simples, jamais alguém havia passado a mão em meu rosto daquela forma. O arrepio me causou a sensação estranha de que uma grande porta se abria com a chave mágica de sua mão. Ali foi minha primeira aula de Economia Doméstica, da forma como a idealizo, e minha primeira experiência real com a economia popular e o empreendedorismo como reação a um Estado não provedor. Do que aprendi naquela tarde me chamou a atenção a luta incessante da comunidade para garantir sua subsistência ser homologada pelo Estado, por se tratar de uma APA. Luta permanente, muita luta.

Eu até acrescentei que a proteção ambiental deveria considerar que pessoas trabalhadoras que ali sobrevivem deviam ser protegidas ambientalmente. Bruno, meu novo amigo-guia, deu um sorrisinho. Saí de lá com a sensação de privilégio. O que eu havia lido à sombra da Aroeira, no dia anterior (espécie de teoria), eu tive a chance de ver com meus próprios olhos um *sítio simbólico de pertencimento* (espécie de aula prática). Hoje como empreendedor, consciente de minha autonomia, minhas fragilidades e fortalezas, meus elos de cooperação, e a certeza de que não ganho pra ficar rico, me divirto muito. Autonomia é divertido. O sofrimento no trabalho, por assédio de outros, é cruel. A corretagem imobiliária me ensinou muito. Lembro, logo no início, de meu primeiro líder de equipe. Certa vez ele me disse que eu não sabia vender, por causa de um candidato à prefeitura de minha cidade São José, na grande Floripa. Eu estava com o pretensão comprador (era um pilantra-malfeitor), num domingo ensolarado, dentro do apartamento que ele dizia querer comprar. Ele me fez uma proposta mirabolante de falcutra e eu disse que só o meu chefe poderia fechar o negócio. Liguei pro líder que logo se interessou em conversar com o pilantra e marcaram um encontro à tarde em algum lugar que eu nem quis saber. Nesse dia, missão meio cumprida, fui almoçar com Maria Isabel e foi ótimo. No dia seguinte cheguei pra ele e fui logo falando *você tem razão, eu tenho que aprender a vender, ainda bem que você pôde vender o apê que eu não consegui...* E ainda tasquei *...um muito obrigado pelo apoio*. Dois meses depois ele saiu da corretora a pontapés e ainda ficou pagando a dívida negociada com o pilantra um tempão. Falcutra é coisa de múltiplas variáveis que todo mundo sabe o que é, mas que nem todo mundo reconhece que faz. Naquela noite dormi como um anjo em Guaratuba me preparando pra sair cedinho no dia seguinte, com a certeza de que a porta se abria. ... 5ª feira ... Perto de oito da manhã. Depois de dois dias de pouca distância percorrida resolvi dar um esticadão até o estado de São Paulo. Sempre tangenciando o tal do anacronismo, alguns anos depois li um texto de uma tese de doutorado de 2010, de Márcia Regina Ferreira, que dizia *“No caso das comunidades extrativistas estudadas na APA de Guaratuba, observou-se um papel significativo na sua subsistência e na mitigação da pobreza, dado corresponder parcialmente ou suplementar a renda. No entanto, a real sustentabilidade dessas comunidades ainda está longe de ser alcançada.”* Na estrada eu pensava quase que exatamente nessa coisa, pois tinha lido isso muito antes nos olhos de Dona Ivoneide Neto de Maria. Olhos doces e acolhedores com uma fala de indignação e luta eu nunca tinha visto. Me esperavam, a mim e ao meu Celtinha, cerca de 400 km. de Guaratuba a Peruíbe. Pensei alto com meu mudinho *hoje vamos rodar bastante, prepare-se*. 2º dia de viagem e eu já estava achando que tinha visto tanta coisa que já podia chegar. Eu não tinha a menor ideia do que ainda me esperava. Rumo a Peruíbe: próxima parada.

■■■